

Planos de expansão ambiciosos para a virada do século

por André Vieira
de São Paulo

As perspectivas para o setor de telecomunicações estão entre as mais promissoras em termos de volume de investimentos. Segundo o plano mínimo definido pelo Ministério das Comunicações, o total de recursos previstos para serem aplicados nessa área, só entre 1995 e 1999, é de R\$ 37,46 bilhões.

A idéia é ampliar os acessos de telecomunicações no País a fim de reduzir não só a procura mas também diminuir os preços das linhas telefônicas, de comunicação de dados, televisão a cabo, entre outros. Em 1995, o número de linhas de telefones convencionais era estimado em 16,5 milhões de acessos e o de linhas celulares, em 1,9 milhão. O objetivo é chegar a 40 milhões de linhas básicas e 17,2 milhões de linhas móveis até o final de 2003.

As regras para o funcionamento do setor ainda não foram definidas. O Executivo já enviou o projeto de regulamentação ao Congresso, mas ainda espera a apreciação dos parlamentares. "No segundo semestre deste ano, os investidores terão a clareza de como será o novo código das telecomunicações", afirmou o diretor-presidente da AT&T do Brasil, Omar Carneiro da Cunha.

No entanto, ele teme que sejam aprovados os limites à participação de investidores externos (pessoas físicas) no controle acionário das empresas de telecomunicações que entrem na rodada de privatizações ou concessões. "Não queremos a volta da discriminação do capital estrangeiro, que foi eliminada da Constituição no ano passado", disse Cunha.

No setor de informática, as potencialidades também são gran-

des, enfatizou o presidente da IBM do Brasil, Rudolf Hohn. Com o fim da reserva de mercado de informática, em 1992, as projeções de crescimento anual do setor indicavam algo em torno de 13% até 1999. No ano seguinte, as estimativas apontavam uma expansão de 17,7% por ano até o final do mesmo período.

Comparativamente, o peso da indústria de informática brasileira ainda é pequeno. Enquanto nos Estados Unidos o setor representa 2,7% do Produto Nacional Bruto (PNB), no Brasil essa proporção é de 0,8%. Na Ásia, esse percentual é de 1,2%. Ele considera, entretanto, que ainda há muito espaço no mercado para a entrada de investidores. "A lei ainda incentiva a fabricação de bens de informática no Brasil", afirma o presidente da IBM.

Os investimentos em projetos no setor petroquímico brasileiro são estimados em US\$ 4,31 bilhões para o período de 1995 a 1999. Os dados são da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). "Se não for tudo, no mínimo 80% dos projetos anunciados serão realizados", prevê o presidente da Petroquímica da Bahia, Carlos Mariani Bittencourt. Caso se confirme essa intenção de investimentos, ele acredita que as indústrias brasileiras poderão ampliar sua capacidade de produção de eteno, matéria-prima básica do setor, de 2 milhões para 3 milhões de toneladas no final do período.

O presidente do fundo de pensão do Banco do Brasil, José Valdir dos Reis, defendeu o modelo de participação dos fundos de pensão nas empresas brasileiras e citou como modelo de operações bem-sucedidas a aquisição da Perdigão e a privatização da Acesita. ■

O futuro da informática

(Projeções de crescimento acumulado de 1995-2000 - em %)

